

DEVOÇÕES, FESTAS E RITOS: ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Edilece Souza Couto*

O Simpósio Temático denominado *Devoções, festas e ritos* foi proposto com a intenção de reunir pesquisadores e promover o debate sobre o sentimento religioso em abordagens histórica, antropológica ou sociológica. O principal objetivo era discutir as origens, características, rupturas e continuidades das manifestações religiosas: festejos, peregrinações e rituais presentes nos cultos dirigidos a Deus, à Santíssima Trindade, aos santos – canonizados pela Igreja Católica e também aqueles que ainda não alcançaram a honra dos altares oficiais, mas que recebem homenagens dos fiéis – ou qualquer outra entidade cultuada no Brasil. Este texto traz algumas considerações sobre a diversidade no uso do espaço e do tempo nas comemorações religiosas e um pequeno balanço historiográfico sobre o tema.

O espaço e o tempo para o homem religioso

Mircea Eliade dedicou os dois primeiros capítulos do livro *O sagrado e o profano* à sacralização do espaço e ao tempo sagrado. O autor explica que, para o homem religioso, o espaço não é homogêneo, pois apresenta “roturas e quebras”. Existe um espaço forte, significativo, sagrado, e outros não-sagrados, “sem estrutura nem consistência”, representam o caos.¹

No entanto, é necessário sacralizar o espaço para que ele seja habitado. E por isso, procura-se um eixo, um centro de orientação, que pode ser um templo, o local ou o altar de sacrifício de um animal, cruz, poste ou mastro, escada, árvore ou montanha. Qualquer um desses elementos marca o limiar entre o sagrado e o profano e torna-se o eixo de ligação entre o céu, a terra e o mundo inferior, entre os deuses, o território habitado pelos homens e o mundo de baixo (desconhecido e muitas vezes associado ao inferno).²

Quanto à relação do homem religioso com o tempo, Eliade defende que ele também não é homogêneo ou contínuo. Existem duas temporalidades: o tempo profano, vinculado ao cotidiano, de duração temporal ordinária, e o tempo sagrado, marcado

* Doutora em História Universidade Federal da Bahia – UFBA

pelas festas periódicas.³ Assim como a porta de um templo simboliza o limiar entre os territórios do cosmo e do caos, o evento religioso, realizado no seu interior, marca a ruptura com a duração temporal profana.

Devoções, festas e ritos têm a função primordial de reatualizar o tempo mítico, reversível e recuperável. Ao participar desses eventos, o fiel evoca e recria o tempo inicial. As manifestações religiosas não significam apenas a comemoração de um acontecimento, mas a sua reatualização, uma forma de reviver o tempo original e promover a purificação.

No entanto, não podemos perder de vista que o cristianismo inaugurou o tempo litúrgico, baseado na historicidade de Jesus Cristo. Dessa forma, o tempo festivo é repetido, mas não é imóvel nem imutável. Apesar de se revelar especial e diferente do calendário profano, também não é um evento isolado, pois quebra o ritmo regular do cotidiano, promove a sociabilidade e o sentimento de pertencimento e identidade em um determinado grupo social. Além disso, possui intrínsecas relações com os aspectos políticos, econômicos e sociais. Portanto, o estudioso dos fenômenos religiosos e das homenagens a uma divindade, intercessor ou entidade deve estar atento aos significados, às mutações, perdas e incorporações de novos elementos.

O historiador Ronaldo Vainfas, ao participar de um seminário sobre festa, promovido pela Universidade de São Paulo – USP, em 2001, começou a comunicação afirmando que durante suas pesquisas, apesar de ter se deparado com festejos africanos, principalmente o batuque, e danças indígenas, suas “[...] incursões pela história da festa sempre foram muito modestas”. O autor considera o tema valioso para a pesquisa histórica, mas duvida que este seja um maravilhoso campo de observação, como pensa Michel Vovelle, um exagerado, segundo Vainfas.⁴

Será que foi exagerada a afirmação de Vovelle, feita em 1985? O historiador francês não me parece exagerado, e sim, pioneiro numa temática, até a década de 70, desenvolvida quase exclusivamente por antropólogos, etnólogos e folcloristas. Entretanto, mais importante do que o pioneirismo ao transformar a festa num objeto da História, foi o papel desempenhado por Vovelle na divulgação desse novo campo historiográfico, principalmente ao chamar a atenção dos historiadores para o “mito da imobilidade”, presente até então na análise das festividades. O autor defende que

[...] assim como não há uma História imóvel, também não há uma festa imóvel. A festa na longa duração, assim como a podemos

analisar através dos séculos, não é uma estrutura fixa, mas um *continuum* de mutações, de transições, de inclusão com uma das mãos e afastamentos com a outra...⁵

Para retomar aqui a discussão inicial, concordamos com Mircea Eliade quando diz que toda festa religiosa é um evento sagrado, baseado no tempo mitológico, no qual os participantes se tornam contemporâneos do acontecimento mítico.⁶ Porém, é preciso ter cuidado com esta afirmação. Apesar dos festejos serem repetidos anualmente, não compõe uma estrutura fixa, rígida. Como observa Vovelle, as festividades têm “formas obstinadas”, ou seja, estruturas formais, mas também a flutuação dos elementos, que podem desaparecer, outros novos podem ser incorporados e há até mesmo a possibilidade de ressurgimento daqueles que foram abandonados ou esquecidos.

Essas observações são válidas também para as análises das devoções e rituais. Cabe ao pesquisador compreender que as manifestações religiosas acontecem dentro de um tempo mítico, sagrado, porém estar atento ao tempo histórico; lidar com a imobilidade enganadora e analisar as “formas obstinadas” sem perder de vista as rupturas, descontinuidades e mutações.

Balanco historiográfico

Devoção, festa e ritual são termos que aparecem juntos em inúmeros trabalhos. Não é meu objetivo, nos limites desse texto, trazer conceituações, mas acredito que caiba aqui uma rápida explanação sobre a presença de estudos sobre esses temas na historiografia brasileira.

Em 2001, Norberto Luiz Gaurinello, arqueólogo e professor de História Antiga da USP, participante do seminário Festa, se propôs a definir a festa termo. O autor conclui que, apesar das inúmeras interpretações que se possa dar, festa é um ato coletivo que implica uma determinada estrutura social de produção. É preparada, custeada, planejada e montada segundo regras elaboradas no interior da vida cotidiana; envolve a participação coletiva na sociedade em seu conjunto ou em grupos nos quais os participantes ocupam lugares distintos e específicos; aparece como uma interrupção do tempo social, suspensão temporária das atividades diárias; articula-se em torno de um objeto focal: um ente real ou imaginário, um acontecimento, um anseio ou uma satisfação coletiva; e, por fim, pode gerar produtos materiais ou significativos, principalmente a produção de uma identidade.⁷

Michel Vovelle afirma que a religião popular é, para os historiadores, uma descoberta tardia.⁸ Podemos incluir nesse atraso o estudo das devoções e festas. Na Europa, pesquisadores, influenciados pelos estudos sobre mentalidades nos anos 70 do século XX, passaram a se dedicar à análise de morte, rituais, festas, devoções, fenômenos religiosos, gênero, sexualidade, temas antes pesquisados apenas por antropólogos e etnólogos. No Brasil, o interesse dos profissionais da História por esses assuntos ganhou impulso a partir do final dos anos 80.

Sobre devoções, surgiram importantes trabalhos acadêmicos envolvendo principalmente o culto de personagens, especialmente mulheres e crianças que sofreram de doenças graves ou foram mortos de forma violenta, e, por isso, elevados pelos devotos à condição de santo.⁹

Quanto às festas, os primeiros trabalhos apresentados em congressos internacionais tinham como objetivo principal revelar as imbricações entre o sagrado e o profano nas celebrações cívicas e religiosas do Brasil colonial. Merecem destaque as apresentações de trabalhos feitas por Ana Maria da Silva Moura, Maria Beatriz Nizza da Silva e Ronaldo Vainfas em um congresso de História, cujo tema era a festa, realizado em Portugal no ano de 1992. Eram, portanto, historiadores dedicados às pesquisas sobre sociedade e cultura no Brasil que em algum momento se depararam com as festas coloniais e não trabalhos específicos sobre o ato de festejar.¹⁰

Porém, um ano antes do congresso ser realizado em Portugal, em 1991, o historiador baiano João José Reis, mais conhecido por seus trabalhos sobre escravidão, lançou o livro *A morte é uma festa*, sobre as atitudes em relação à morte, especialmente os ritos fúnebres na Bahia do século XIX. Reis fez uma análise sobre as festas em honra dos santos organizadas pelas irmandades religiosas e que se convertiam em momentos para a realização de danças, batuques, mascaradas e banquetes, verdadeiro entrelaçamento entre o sagrado e o profano.¹¹

O primeiro trabalho específico sobre festas a ser publicado no Brasil, no início dos anos 90, foi o livro *Festas e utopias no Brasil colonial*, de Mary Del Priore. A autora analisou várias “festas-concessões”, permissas e incentivadas pelo Rei ou pela Igreja, na Bahia e em Minas Gerais, para confirmar seus poderes e disciplinar a população. A pesquisadora ressaltou que negros e índios aproveitavam as brechas de

tais festividades para imprimir seus traços culturais, recriando seus mitos, músicas, danças e reproduzir suas hierarquias.¹²

Também na década de 90 começaram a surgir os resultados de pesquisas, vinculadas aos diferentes programas de pós-graduação das universidades públicas brasileiras, que tinham a festa como tema principal. Os estudiosos exploravam o século XIX e as mudanças ocorridas na passagem para o período republicano. Geralmente, ressaltam a importância dos festejos – religiosos e cívicos – como momentos propícios à sociabilidade e brechas para a afirmação de valores e crenças das culturas indígenas e africanas.¹³

O interesse dos pesquisadores brasileiros pelas devoções e festas, durante a década de 90, fez com que o início do novo milênio fosse pleno de atividades – congressos e seminários – e publicações – livros e revistas – que tiveram como eixo central das discussões as manifestações religiosas, assim como as comemorações cívicas e o Carnaval. Alguns estudiosos foram incentivados a realizar novas edições de clássicos do catolicismo e da cultura brasileira. Cito, como exemplo, três obras reeditadas que não são apenas textos, mas fontes de pesquisa.

Em 2001, o Conselho Estadual de Cultura da Bahia, por meio do historiador Waldir Freitas Oliveira (responsável pela edição, esclarecimento e notas explicativas) promoveu a reedição do livro *Procissões Tradicionais da Bahia*¹⁴, de João da Silva Campos (1880-1940), publicação póstuma de 1941 no volume XXVII dos Anais do Arquivo Público da Bahia. Silva Campos foi um ilustre observador-participante e cronista das procissões e festas religiosas baianas. Era engenheiro interessado em História e Folclore. Nesta obra, ele descreve, com riqueza de detalhes, e comenta as procissões do seu tempo e outras que já estavam extintas.

Em 2002, o Senado Federal reeditou *Festas e Tradições Populares do Brasil*¹⁵, de Melo Moraes Filho (1843-1919), referência obrigatória para os pesquisadores das festividades religiosas e populares, ritos fúnebres, preces e costumes. O autor ainda traz descrições de alguns personagens célebres: poetas, capoeiristas, falso padre, capitão, doido, bandido (como Lucas de Feira), chamados por ele de “tipos da rua”. O trecho a seguir, retirado do prefácio de Sílvio Romero, nos dá uma idéia da importância da obra:

[...] quando os sondadores do passado houverem de rastejar o fio de ouro das nossas tradições, quando houverem de estudar o povo, não no ruído das batalhas e nas chicanas da política, mas sim nas efusões da alma, nas energias do sentimento, os dois livros de Melo Morais Filho, onde seu coração palpita inteiro, suas poesias, que todas podem receber o nome único de *Cantos do Equador*, suas descrições de costumes, que todas podem ter o nome só de *Festas e Tradições Populares do Brasil*, hão de ser chamadas a depor; como documentos autênticos; porque neles vive a grande alma deste país; porque neles canta e folga, ou geme e chora este misto de entusiasmo e melancolia, de saudade e intrepidez, que é o gênio lusitano transfigurado na América.¹⁶

Para os estudiosos das devoções e festas católicas, não poderia deixar de mencionar a edição brasileira da *Legenda Áurea*¹⁷, realizada em 2003, com tradução do latim, apresentação, notas e seleção iconográfica do medievalista Hilário Franco Junior. Escrita no século XIII, pelo dominicano italiano Jacopo de Varazze, esta hagiografia, no final da Idade Média, chegou a ter mais edições do que a Bíblia. É composta de 170 relatos de vidas de santos e das festas do extenso calendário medieval. É claro que existem muitas hagiografias mais recentes e atualizadas. Entretanto, para se compreender as origens do culto dos santos tradicionais e oficializados pela Igreja medieval, esta obra torna-se consulta obrigatória.

A partir de 1999, estudiosos de diversas áreas têm se reunido na promoção de congressos e/ou publicações sobre devoções e festas. Gostaria de destacar cinco produções brasileiras.

Em 1999, os professores István Jancsó e Íris Kantos e alguns alunos do curso de História da USP, instigados pela leitura do texto setecentista de Francisco Calmon, *Relação das Faustíssimas Festas, Que Celebrou a Câmara da Villa de N. Senhora da Purificação, e Santo Amaro da Comarca da Bahia Pelos Augustíssimos Desposorios da Sereníssima Senhora D. Maria Princeza do Brasil com o Sereníssimo Senhor D. Pedro Infante de Portugal, Dedicada ao Senhor Sebastião Borges de Barros*, convidaram estudiosos brasileiros e portugueses, especialistas em festas e também alguns de outros campos historiográficos que em algum momento encontraram documentos e fizeram referências aos festejos em suas pesquisas. Assim foi realizado o Seminário Internacional “Festa: Cultura e Sociabilidades na América Portuguesa”. Em 2001, os textos apresentados foram reunidos numa coletânea¹⁸ de dois volumes. A temporalidade abrange dos séculos XVI ao XIX. Quanto aos tipos de festas, os textos trazem desde os

relatos e interpretações de cerimônias religiosas (ritos fúnebres, entradas episcopais e homenagens aos santos, Cavalhadas); festejos plenos de revolta e rebeldia por parte de índios e negros (batuques); desfiles cívicos e Carnaval, até às discussões teóricas de fontes e métodos.

Em 2000, a revista *Estudos de História*¹⁹, da Universidade Estadual Paulista – UNESP, campus de Franca-SP, publicou um número especial sobre Religiões/Religiosidades. Os textos, produzidos por pesquisadores de diversas universidades brasileiras, discutem aspectos teóricos – os desafios de se trabalhar com a cultura religiosa popular, o significado de ser santo e a trajetória dos modelos de santidade e do processo de santificação – e vários aspectos dos fenômenos religiosos: romarias e folias do Divino em Goiás; religiosidade indígena na Bahia; relações entre Igreja Católica e Estado; biografias e exemplos de trabalho pastoral de alguns religiosos paulistas; Pentecostalismo e Umbanda.

Não estamos tratando do Carnaval neste Simpósio Temático. Porém, as devoções e festas religiosas são, quase sempre, permeadas de elementos carnavalescos. Por isso, vale comentar o livro *Carnavais e outras f(r)estas*²⁰, organizado por Maria Clementina Cunha, em 2002. Os dois textos sobre as devoções e festas ao Divino Espírito Santo (escrito por Martha Abreu) e Nossa Senhora da Penha no Rio de Janeiro (de autoria de Raquel Soihet) demonstram o quanto as fronteiras são tênues. Até mesmo a comemoração do 2 de Julho, pela Independência da Bahia (texto de Wlamira Albuquerque), mostra que o desfile cívico ganha ares de festa religiosa porque os participantes são, ao mesmo tempo, patriotas e devotos do Caboclo, símbolo da luta e entidade indígena cultuada em inúmeros candomblés baianos.

Na apresentação do livro, Maria Clementina Cunha chama a atenção do leitor para o fato de que

[...] não há nenhum capítulo que opere na perspectiva que pretendeu fazer das festas um objeto de análise capaz de esgotar-se em si mesmo. Nesse sentido, decididamente nosso tema não é a festa – embora só se festeje nas páginas desse livro. Os capítulos [...] buscam antes perseguir dimensões particulares das sociedades nas quais as celebrações se produziram.²¹

Estas palavras justificam o subtítulo do livro, “Ensaio de História Social da Cultura, e a presença de vários estudiosos cujas pesquisas mais relevantes são sobre

história social, escravidão, cultura e poder, capoeira, gênero e literatura. Entre os autores, apenas Martha Abreu (festa do Divino), Wlamyra Albuquerque (Independência da Bahia), Alexandre Lazzari (Carnaval em Porto Alegre) e Maria Clementinha Cunha (Carnaval no Rio de Janeiro) tiveram a festa como tema central.

Em 2003, a historiadora Mabel Salgado Pereira e o antropólogo Marcelo Camurça, dois especialistas em Catolicismo, organizaram o livro *Festa e Religião*²², resultado do trabalho com pesquisadores do Núcleo de Estudos da História da Igreja de Juiz de Fora-MG. Todos os textos se referem às festividades cristãs ocorridas na cidade mineira: folias de Reis, homenagens católicas ao Divino, Imaculada Conceição e São Roque, festa da colheita entre os presbiterianos e o movimento carismático pentecostal.

Em 2004, a revista *Projeto História*²³, do programa de pós-graduação em História da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, dedicou um número ao tema: *Festas, ritos e celebrações*. A publicação teve caráter interdisciplinar. Os autores vêm de diversos campos: História, Antropologia, Ciências da Religião, Comunicação, Teatro e Museologia. Assim foi possível perceber a historicidade das celebrações em diferentes tempos e espaços por meio de expressões orais, escritas, visuais e corporais. Os artigos trazem interpretações sobre o entrelaçamento entre o sagrado e o profano nas festas religiosas e no Carnaval, até mesmo extrapolando o território brasileiro em estudo comparativo entre os carnavais de Salvador e da Colômbia; discutem festejos tão diversos quanto as comemorações do Divino no Maranhão, de São Miguel na Ilha de Marajó, o Bumba-meu-boi em São Paulo, a festa de Iemanjá em Salvador, além das rezas e benzeduras realizadas no Ceará.

Em dezembro de 2006 um grupo de historiadores e antropólogos reuniram-se em Aracaju-SE para a realização do colóquio *Festas e Sociabilidades*, promovido pelo Núcleo de Antropologia, Ritual, Festa e Performance e o Grupo de Pesquisa História das Religiões, Religiosidades e Identidades. O evento teve como objetivo debater questões ligadas à festa com suas redes de sociabilidades, produção e negociações das identidades sociais, assim como seu caráter integrador e subversivo.

E nos intervalos entre os eventos, os pesquisadores têm um espaço privilegiado para apresentações de trabalhos sobre os temas aqui discutidos. Trata-se do simpósio anual da Associação Brasileira de História das Religiões – ABHR, em grupos temáticos, como “Devoções” e “Igreja Católica no Brasil”.

A devoção, enquanto sentimento religioso, dedicação e consagração a uma entidade, tem caráter íntimo e individual. Mas, o devoto não se satisfaz com essas

características da fé. É no espaço público das ruas – em procissões, cortejos e festas – e nos templos e santuários – na realização dos rituais – que costuma expressar veneração. Já a festa é um ato essencialmente coletivo. Boa parte das obras e atividades aqui comentadas também é coletiva, pelo menos na exposição dos seus resultados. Este incompleto balanço historiográfico revela a diversidade dos espaços e tempos de realização das devoções, festas e ritos no Brasil, dos olhares dos pesquisadores e da força deste “maravilhoso campo de observação”.

¹ ELIADE, Mircea. **O sagrado e o profano**: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1992, p.21.

² Ibidem, p. 24-38.

³ Ibidem, p.59.

⁴ VAINFAS, Ronaldo. Da festa tupinambá ao sabá tropical: a catequese pelo avesso. In: JANCSO, István; KANTOR, Íris (orgs.). **Festa**: cultura e sociabilidade na América Portuguesa. São Paulo: Hucitec; Edusp; FAPESP; Imprensa Oficial, vol.1, 2001, p. 215-216.

⁵ VOVELLE, Michel. **Ideologias e mentalidades**. São Paulo: Brasiliense, 2ª ed., 1991, p.251.

⁶ ELIADE. Op. Cit., p.75.

⁷ GUARINELLO, Norberto L. Festa, trabalho e cotidiano. In: JANCSO, István; KANTOR, Íris (Orgs.). Op. Cit., vol. 2, 2001, p. 969-975.

⁸ VOVELLE. Op. Cit., p. 157.

⁹ Ver duas dissertações sobre santos populares do interior de São Paulo. Cf. REIS, Martha dos. **Iracema, a santinha da Marília**: um estudo sobre a criação de um imaginário popular. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista: Marília-SP, 1993; DAVID, Solange R. de Andrade. **Um estudo de religiosidade popular**: o santo menino da tábuca. Dissertação de Mestrado em História – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis – SP, 1994.

¹⁰ Cf. SANTOS, Maria Helena C. (Org.). **A festa**. Lisboa: Editora Universitária, 2 v., 1992.

¹¹ REIS, João José. **A morte é uma festa**: ritos fúnebres e revolta popular no Brasil do século XIX. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. O autor voltaria a publicar dois artigos sobre festejos africanos na Bahia: REIS, J.J. Batuque negro: repressão e permissão na Bahia oitocentista. In: JANCSO, István; KANTOR, Íris (Orgs.). Op. Cit., vol.1, p. 339-358, 2001; REIS, J.J. Tambores e temores: a festa negra na Bahia na primeira metade do século XIX. In: CUNHA, Maria Clementina P. (Org.). **Carnavais e outras f(r)estas**: ensaios de história social da cultura. Campinas-SP: Editora da UNICAMP/Cecult, p. 101-155, 2002.

¹² PRIORE, Mary Del. Festas e utopias no Brasil colonial. São Paulo: Brasiliense, 1994.

¹³ Cf. a tese de Martha Abreu, defendida no programa de pós-graduação em História da UNICAMP, em 1996, e publicada posteriormente em livro: ABREU, Martha. **O império do divino**: festas religiosas e cultura popular no Rio de Janeiro (1830-1900). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999. Em 1998, três dissertações, defendidas no programa de pós-graduação da UNESP, Assis-SP, também foram dedicadas à festa: a minha dissertação deu origem ao livro: COUTO, Edilece Souza. **A Puxada do Mastro**: transformações históricas da festa de São Sebastião em Olivença (Ilhéus-BA). Ilhéus: Maramata, 2001; GONÇALVES, José Artur Teixeira. **Cavalhadas**: das lutas medievais às festas no Brasil Colonial. Dissertação de Mestrado em História - Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis – SP, 1998. STREMEL, Marion Regina. **Anos de glória**: a festa de Sant’Ana em Ponta Grossa, 1930-1950. Dissertação de Mestrado em História – Faculdade de Ciências e Letras, UNESP, Assis – SP, 1998. Também em 1998, no programa de pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia – UFBa, foi defendida uma dissertação sobre a festa do 2 de julho e publicada no ano seguinte: Wlamyra R. de Albuquerque. **Algazarra nas ruas**: comemorações da Independência na Bahia (1889-1923). Campinas-SP: Editora da UNICAMP, 1999.

¹⁴ CAMPOS, João da Silva. **Procissões Tradicionais da Bahia**. 2. ed. rev. Salvador: Secretaria de Cultura e Turismo / Conselho Estadual de Cultura, 2001.

¹⁵ MORAIS Fº, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 2002.

¹⁶ ROMERO, Sílvio. Prefácio. In: MORAIS Fº, Melo. **Festas e Tradições Populares do Brasil**. Brasília-DF: Senado Federal, 2002, p.18.

¹⁷ VARAZZE, Jacopo de. **Legenda áurea**: vidas de santos. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

¹⁸ JANCOSO, István; KANTOR, Íris (orgs.). Op. Cit, 2001, 2 v.

¹⁹ Revista **Estudos de História**. Franca-SP: Olho d'água, v. 7, n.1, 2000.

²⁰ CUNHA, Maria Clementina P. (org.). Op. Cit., 2002.

²¹ Ibidem, p.11-12.

²² PEREIRA, Mabel Salgado; CAMURÇA, Marcelo Ayres (orgs.). **Festa e Religião**: imaginário e sociedade em Minas Gerais. Juiz de Fora-MG: Templo Editora, 2003.

²³ Revista **Projeto História**. São Paulo: Educ, n° 28, 2004.